

Reflexão

A consciência do envelhecimento corporal no climatério



Elvira Gotter

O interesse por esta temática surgiu da necessidade de compreender melhor as dificuldades pelas quais atravessa a mulher no climatério, com o intuito de ajudar as pacientes que chegam ao consultório, interpretando de uma maneira mais adequada os percalços que provocam as mudanças corporais nesta fase de transição.

Durante os atendimentos observaram-se as dificuldades das pacientes em aceitar as mudanças corporais que advêm durante esse período e, conseqüentemente, de elaborar o luto pela perda do corpo da juventude.

Acontece que, durante o climatério, a consciência corporal se intensifica devido às diversas transformações que incidem no corpo feminino, levando ao questionamento do ideal estético e da própria identidade, e à realimentação dos conflitos da sua feminilidade.

A mulher procura, nessa fase da vida, proteger sua integridade, muitas vezes, negando o próprio envelhecimento já que um dos problemas para assumir o

envelhecimento é, precisamente, a dificuldade em lidar com essas mudanças corporais, dificuldade que se inicia com o advento da menopausa, interpretada como o fim da juventude e o começo da velhice. Ouvimos comentários:

O corpo muda e junto com essa mudança nos deparamos com a velhice.

Na menopausa o envelhecimento do corpo é uma coisa inevitável.

A menopausa marca o início da velhice.

Na menopausa as rugas do rosto se fazem mais evidentes.

Mudam o corpo e suas formas. Significa a entrada à última etapa da vida...



Percebe-se certa tristeza na forma de expressar a entrada na menopausa ao considerar essa fase como de transição entre a juventude e a entrada na velhice. Esta tristeza estaria relacionada à angústia de castração pela perda de um corpo jovem que aparece na fala dessas mulheres.

A expressão climatério tem origem na palavra grega *klimakter* que significa degrau. Para os gregos significava um período de transição entre a vida reprodutiva e não reprodutiva (AMARAL, 2001).

Segundo Pitelli (1997), o termo menopausa, no sentido atual, só apareceu no século XIX e foi usado como sinônimo de climatério, sempre com uma conotação negativa. Durante o século XIX e princípio do século XX

os autores apontam o climatério do ponto de vista patológico. Somente no século XX o climatério começa a ser compreendido.

Durante o climatério a mulher pode apresentar, nem sempre e nem necessariamente, uma série de manifestações denominadas síndrome climatérica, que se caracterizam por alterações hormonais, modificações funcionais (disfunções menstruais, sintomas vasomotores, fogachos); modificações morfológicas (atrofia mamária e urogenital, alterações da pele e mucosas) e outras alterações em sistemas hormônio dependentes, como o cardiovascular e os ossos (FEBRASGO 2010).

Segundo a Federação Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetrícia (1995), acontece, nesta fase, também uma série de alterações dermatológicas - como o envelhecimento cutâneo e o aparecimento de rugas - com a perda de fibras elásticas e de colágeno. As rugas não têm um momento certo de aparecer, variam de pessoa para pessoa. Devido às alterações da pigmentação cutânea, aparecem manchas na pele, formação de sardas nas peles muito claras, tanto no rosto como no corpo da mulher. Nesta fase o cabelo embranquece e pode cair. As mulheres após os 50 anos apresentam propensão ao aumento de peso, devido à diminuição do metabolismo e da atividade física. Tomando consciência do seu corpo no climatério, a mulher experimenta este período como término dos atributos femininos, deixando de considerar-se sexualmente atraente, desejável e linda (CIORNAI, 1999).

Devido a essas mudanças corporais ela observa no cotidiano, ao se olhar no espelho, as marcas do tempo, percebe esta nova situação como uma ameaça à sua imagem corporal, abalando a sua autoestima e conseqüentemente interferindo na sua sexualidade. Conforme o imaginário social da cultura ocidental, para não ser marginalizado é necessário seguir o culto à beleza e juventude do corpo.

Mandatos sociais que entram em conflito com a mulher no climatério, devido as inevitáveis modificações corporais, e que parecem causar uma desvalorização da imagem corporal, dando lugar à angústia de um corpo em transformação no momento em que a mulher não aceita sua imagem corporal porque, segundo Grotijham apud Beauvoir (1999), o inconsciente almeja a juventude eterna. As mudanças são difíceis de aceitar, mas implicam perdas e ganhos, parte da existência humana, mas as perdas deverão ser elaboradas por meio de um luto para superar a crise.

A forma como a mulher vivencia esta etapa da vida depende das informações que tem sobre a mesma e a internalização desse saber segundo a sua subjetividade. Marraccini (2002) afirma que é importante levar em conta a influência do psíquico nos processos de mudança e os significados que cada mulher, subjetivamente, pode dar a este período da existência, determinado

pelo fechamento do ciclo reprodutivo da vida. Além das transformações de índole fisiológicas existem transformações psicológicas intimamente ligadas às mudanças da imagem corporal desta etapa de transição.

Para articular o envelhecimento com as mudanças corporais, é necessário entender a diferença entre imagem corporal e esquema corporal. Segundo Dolto (1986) o esquema corporal, comum a todos os indivíduos da espécie humana, está na ordem do anatômico e serve de suporte à imagem corporal. Ele se estrutura mediante o aprendizado e a experiência, evoluindo no espaço e no tempo. Por outro lado, a imagem corporal é individual, depende do sujeito e se elabora na sua própria história. A imagem corporal é a representação inconsciente, mental, do corpo e nela se origina o desejo. Através dela, que está relacionada às emoções, manifesta-se o sujeito do desejo. Na imagem corporal se inscrevem as vivências das relações libidinais ou afetivas, é a

memória inconsciente de todas essas experiências. O conjunto destas vivências inscritas na memória transmite ao sujeito um sentimento de valorização ou desvalorização, possivelmente acentuado neste período de grandes transformações.

A imagem corporal é desenvolvida e construída a partir da inter-relação do corpo com o mundo (SCHILDER, 1999).

Se a imagem corporal depende da relação que o sujeito tem com sua realidade, é importante verificar como se relaciona a psique com a realidade humana, que é apreendida através da atividade sensorial e internalizada e elaborada de acordo com a história pregressa do sujeito. Para Aulagnier (1999), a realidade é a evidência dos fenômenos existentes. Apreendendo a realidade, apropriando-se dos fenômenos externos e decodificando os signos que apresentam, a psique modifica seu estado afetivo. Desta interpretação de Aulagnier (1999, p.119-121) surgem as seguintes formulações:

- 1 - *A realidade é regida pelo desejo dos outros*
- 2 - *A realidade está conformada pelo conhecimento outorgado pelo saber dominante de uma cultura*
- 3- *A realidade é, em última análise, impossível de conhecer.*

Mediante a primeira formulação, o sujeito reconhece a existência do outro e evidencia as consequências do poder exercido pela psique do outro sobre a sua. O outro é o suporte dos investimentos libidinais do sujeito.

Por intermédio da segunda formulação, o sujeito descobre que é possível compartilhar o espaço sociocultural com seus parceiros, ao aderir à definição consensual da realidade, surgindo assim os imperativos sociais e culturais.

Por meio da terceira formulação, o sujeito percebe que uma mesma realidade tem um significado diferente para cada um, pois a percepção da realidade depende das inscrições dos relacionamentos libidinais de cada sujeito (AULAGNIER, 1999).

A articulação dos conceitos de esquema e de imagem corporal mostra como cada sujeito constrói a percepção de si mesmo. Mostra, além disso, que essa percepção não depende só do biológico, do funcional, mas também está ligada a esse outro corpo que foi construído por sua própria história, história que já era contada pelo desejo da mãe. Por isso cada indivíduo envelhecerá e aceitará o processo de envelhecimento de maneira diferente, segundo sua própria história de vida e conforme a realidade apresentada pela sociedade e cultura na qual está inserido.

Segundo o mesmo pensamento, Villaça & Góes (1998) referem-se ao corpo personalizado ou corpo libidinal como àquele que atravessou angústias, sofrimentos, dramas e no qual se inscreve a própria história do sujeito. O corpo libidinal recobre o corpo sexual, imprimindo-lhe uma maior ou menor

intensidade de prazer, através de uma articulação entre a interioridade e a exterioridade.

Essa articulação entre a interioridade e a exterioridade se manifesta na mulher neste período através da percepção da sua autoimagem (Benedetto, 2001), que é influenciada pela percepção de si mesma, dos relacionamentos interpessoais, das suas experiências e dos fatores socioculturais, em fim, pelas imbricações dos fatos da sua história de vida. O narcisismo feminino relativo ao próprio corpo leva a mulher a ter uma auto percepção corpórea muito desenvolvida e se reflete na preocupação das mulheres com sua estética pessoal e a necessidade de se embelezarem (SOUCASAUX, s/d).

Nessa fase da vida muitas mulheres começam a cogitar a necessidade de uma plástica, que estaria vinculada ao anseio do sujeito de preservar a atemporalidade da imagem corporal (BALBO, 1992).

O interesse estético pelo corpo está intimamente ligado à sexualidade. Ser belo ou feio são fenômenos sociais que regulam as atividades sexuais e sociais e cada sociedade tem sua própria concepção de beleza (SCHILDER, 1999).

Como a imagem corporal não é estática e está sempre em construção, a maturidade, época em que acontece o climatério, marca um momento de grande importância na vida da mulher relacionada à perda de um corpo jovem. Aceitar esta mudança requer um trabalho psíquico de construção de uma nova imagem, para elaborar o que se perdeu, no caso, sua beleza e a força de um corpo jovem.

Existe uma grande dificuldade de aceitação do novo corpo porque requer o afastamento do padrão de juventude instituído pela sociedade. Muitas mulheres vivenciam as mudanças corporais na menopausa de uma maneira dramática, devido à falta de controle sobre seu corpo, quando acontecem os calores e os suores, que a faz sentir-se exposta e sem defesa, além do sentimento de desequilíbrio da integridade corporal, que se manifesta numa diminuição do seu bem-estar (MARRACINI, 2002).

Segundo Losoviz (2002) todas essas modificações corporais dão lugar, muitas vezes, a crises em que temores e fantasias inconscientes paralisam e malogram os ganhos alcançados até esse momento. Por isto, segundo essa autora, é importante que, nesta fase da vida, a mulher não fique presa aos valores provenientes do mundo exterior no que diz respeito à promessa cultural de deusa eterna. Possivelmente a problemática de algumas mulheres em aceitar, conscientemente, os sintomas do climatério procedem da sua dificuldade em assumir esta fase relacionada com o fim da juventude, o começo da velhice e o fim da vida.

Nesta fase a mulher tem muitas vezes dificuldades de se reconhecer no espelho ou numa fotografia. Segundo Messy (1999) a dificuldade em aceitar as mudanças na imagem corporal, acontece porque a imagem refletida no espelho não é mais a do ego ideal, momento no qual surge o ego feiúra, imagem nova,

afitiva, irreconhecível, fragmentada que produz uma inquietante estranheza. Nesse sentido, quanto a não poder internalizar a nova imagem que irrompe de fora para dentro, Marraccini (2002) confirma no seu estudo que a imagem que vem de fora produz uma estranheza, um não reconhecimento, já que confronta as mulheres com a entrada no envelhecimento e as fere narcisicamente.

A mulher na menopausa deverá procurar uma nova identidade para seu corpo, que se elabora a partir da relação entre o corpo real e o corpo imaginário, ou seja, da simbolização do corpo real com todas as suas transformações. Sendo assim, a mulher ao elaborar as modificações do corpo real neste período da sua vida poderá encontrar uma nova identidade (CAVALCANTE, 2002).

As mudanças na vida das pessoas se apresentam como perdas, mas também engendram aquisições, ou seja, por um lado há um desaparecimento, um fim e por outro lado um aparecimento, um começo. Para que as mudanças tenham um sentido, devem ser apreendidas, vivenciadas. Quando a pessoa sofre uma mudança, torna-se necessário refletir e perceber que independente disso, ela continuará sendo a mesma em sua identidade primária e, ao mesmo tempo, com a possibilidade de se tornar “outro” em consequência da transformação (LANDOWSKI, 2002).

Provavelmente a forma como a mulher atravessará o período do climatério determinará a sua maneira de encarar a tão temida velhice

Referências

AMARAL, L. Menopausa: produção de crise? In: Envelhecimento uma perspectiva psicanalítica. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, n 5, Curitiba, 2001.

AULAGNIER, P. “Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia”. In HORNSTEIN, L. (org.). *Cuerpo, historia, interpretación*. Buenos Aires: Paidós, 1999.

BALBO, G. “Un envejecimiento sin edad”. In BIANCHI, H et alli. *La cuestión del envejecimiento*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1992.

BENEDETTO, C. Sexualidade, bem-estar e menopausa: uma abordagem holística. *Revista ORGYN*, v12, n 4, 2001.

CAVALCANTE, A M. Psiquiatria outros olhares: a psicologia do idoso. *Psychiatry on line Brasil*, 2002.

<http://www.polbr.med.br/ano02/mour0502.php>. Acessado 31/10/2016

CIORNAI, S. *Da contracultura à menopausa: vivências e mitos da passagem*. São Paulo: Oficina de Textos, 1999.

DOLTO, F. *Sexualidade Feminina*. São Paulo: Martins Fonte, 1996.

FEBRASGO. *Manual Climatério* / 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/88961628/Manual-Climaterio-2010>. Acesso 21.10.2016

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS SOCIEDADES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA. *Climatério: Manual de orientação*, 1995. Disponível em: <http://www.itarget.com.br/newclients/sggo.com.br/2008/extra/download/manualCLIMATERIO>

FONSECA, A. M; Halbe, H.W. Síndrome do climatério. In Halbe.H. W. *Tratado de Ginecologia São Paulo*: Roca 1995 v.2. 2001.

GROTIJHAM, M apud BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LANDOWSKI, E. *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LOSOVIZ, A. I. Menopausia, Ética y Psicanálisis o Sobre el arte de la coincidencia en el Acto Médico. In *El guardián de los vientos: reflexiones interdisciplinarias sobre Ética en medicina*. Buenos Aires: Catálogos, 1998.

MARRACCINI, E, M. *Encontro de mulheres: uma experiência criativa no meio da vida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*. São Paulo: Aleph, 1999.

PITELLI, J.B Sexualidade no climatério: influências psicológicas e socioculturais. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. V 8, n 2, 1997.

SCHILDER, P. *A imagem do corpo: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUCASAUX, N. Vivencia e consciência corporal na mulher (s/d) http://www.nelsonginecologia.med.br/womancorconsc_port.htm Acessado 31/10/2016.

VILLAÇA, N.; & GÓES, F. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Data de recebimento: 18/01/2017; Data de aceite: 22/03/2017

Elvira Gotter - Psicanalista. Pós-graduação *latu sensu* em Gerontologia. Pós-graduação *latu sensu* em Sexualidade Humana. Pós-graduação *latu sensu* em Psicopatologia Psicanalítica. Coordena Grupos de Reflexão e Grupos de Cinema – Reflexão. E-mail: elviragotter@gmail.com